

UMA SENHORA...E NADA MAIS? A VIDA E OBRA DE ADELINA LOPES VIEIRA

Sérgio Luís Silva de Abreu¹

RESUMO

Nascida em Portugal, Adelina Lopes Vieira (1850-1923) foi trazida pela família para morar no Brasil ainda nos primeiros anos de sua vida. seja como poetisa, seja como colunista em jornais, Adelina figurou em sua época como um dos grandes nomes que publicavam em periódicos brasileiros, o que levanta questionamentos acerca do seu apagamento pela historiografia literária. A autora era reconhecida no oitocentos e por vezes citada junto a outros literatos célebres, mas o fato de ser uma mulher intelectual fez com que fosse alvo de críticas e ataques na imprensa por suas ideias. sua contribuição para as letras foi diversificada e vasta, Adelina Lopes Vieira publicou três livros – Margaritas (1878), Pombal (1880) e Destinos (1900) e colaborou também em periódicos e em obras coletivas. Além disso, dado seu prestígio, a poetisa foi coautora do livro Contos Infantis (1886) na estreia de sua irmã, hoje célebre nos estudos de literatura, Julia Lopes de Almeida. A temática de seus textos era plural, mas estavam intimamente ligadas com questões importantes para mulheres de seu tempo como a educação das meninas, o casamento, a emancipação e até mesmo certa participação política. Justamente é sua questão temática que nos causa maior interesse já que seus textos documentam e nos aproximam do que Adelina Lopes Vieira valorizava em literatura e também para o sexo feminino. ela demonstrava estar atenta às novidades literárias e se aproximava dos estilos de época, como o realismo, apesar de ter sido acusada de permanecer romântica. sendo assim, este trabalho pretende tirar do silêncio sua vida e obra dada sua importância e notoriedade em seu tempo.

Palavras-chave: Adelina Lopes Vieira, Escritoras, Oitocentos, Periódicos.

¹ Mestre em Literatura Portuguesa pela Universidade do estado do Rio de Janeiro- UERJ, abreusergi@gmail.com;

INTRODUÇÃO

A presente pesquisa surgiu a partir da percepção da ampla circulação dos textos de Adelina Amélia Lopes Vieira no Brasil e em Portugal no Oitocentos. A autora aparece em diversos jornais e em almanaques com textos publicados e também em notícias acerca de sua participação no meio cultural da época. Também, entender suas ações públicas advém de uma busca pelas fontes nas quais foi citada e o que podemos inferir acerca de sua formação literária a partir de seus textos.

Adelina nasceu em Portugal em 1854 e veio para o Brasil com seus pais aos seis anos de idade. Filha de um médico, seu pai foi residir com eles em Campinas, no interior de São Paulo. Encontramos diversos textos da autora, sobretudo poemas, em jornais brasileiros e portugueses. Sua qualidade de escritora foi valorizada no eixo luso-brasileiro, tendo tido grande destaque em sua época, aparecendo na imprensa aclamada, inclusive juntamente com seu coetâneo Machado de Assis. Porém, para a posteridade, sua história e obra caíram em um silêncio pouco compreendido, às vezes retomado como co-autora de um livro destinado às crianças com sua irmã, cada vez mais estudada, Júlia Lopes de Almeida.

A partir de levantamento realizado na hemeroteca digital brasileira para obtermos alguns traços de sua biografia, uma vez que, tal como outras escritoras, não há um arquivo pessoal, conseguimos reunir uma série de textos publicados apenas nos jornais, como uma coluna semanal intitulada *Palestras Femininas*, sua participação em eventos literários e beneficentes, além de anúncios da venda dos livros que publicou.

Júlia Lopes de Almeida nasceu no Brasil e Adelina Vieira, em Portugal. Ao que parece, há uma dualidade quanto à nacionalidade. Júlia é valorizada hoje em dia e acreditamos que seja pelo fato de ser brasileira. Adelina, mesmo tendo vindo criança, é portuguesa. Acreditamos que haja um apagamento de sua obra, nunca mais editada, também pela questão dessa incerteza de a qual literatura Adelina estaria ligada, ocupando um entre-lugar ao observamos a escrita feminina em termos nacionais.

Justamente os apagamentos que faz com que estudar mulheres que escreveram no eixo Brasil-Portugal no século XIX tenha se tornado nosso principal objeto de exploração. Deparamo-nos com uma série de nomes de autoras pouco ou nunca estudadas, mas com produções significativas, sobre as quais nos debruçamos na busca de tentar compreender minimamente as subjetividades que compunham a autoria feminina no

oitocentos. Este desafio se mostrou demasiado aflitivo dado o tamanho desprezo que seus textos obtiveram da historiografia literária.

Porém, uma literatura produzida por mulheres no século XIX carrega nela muito mais do que o início da emancipação de uma mulher, carrega um dos únicos registros diretamente produzidos por aquelas que conseguiram preencher espaços que antes não ocupavam. Tais documentos são importantes pra entendermos principalmente como pensavam e o que era importante para elas enquanto temática.

Procuramos então, a partir de dados encontrados na imprensa periódica, realizando buscas na Hemeroteca Digital Brasileira, no acervo digitalizado pelo projeto O Real em Revista, e com algumas incursões em periódicos disponibilizados online pela Biblioteca Brasileira Guita e José Mindlin, pela Hemeroteca Municipal de Lisboa e pela Biblioteca Nacional de Portugal, encontrar vestígios da ação pública de Adelina Vieira como escritora e intelectual. Informações sobre as condições de sua produção, dado o contexto histórico-social que a envolve, são fundamentais para conseguirmos escrever a história de uma autora já que, apesar de ter conquistado algum prestígio em sua época, foi duplamente apagada: por ser mulher e, recentemente, pela figura da irmã.

Dar conta da vida e da obra de Adelina Lopes Vieira foi nosso objetivo principal durante todo o tempo, na tentativa de acabar com lacunas e equívocos encontrados ao longo dos anos quando se referiam à autora. Todavia, encontramos obstáculos no decorrer da produção do trabalho, pois a pesquisa em fontes primárias nos impossibilitam encontrar com totalidade os periódicos da época para podermos afirmar que conseguimos todo o material.

Foi imprescindível a utilização da Hemeroteca Digital Brasileira da Fundação Biblioteca Nacional e da plataforma O Real em Revista do Real Gabinete Português de Leitura. As plataformas nos ajudaram a encontrar as menções à Adelina Vieira e nos deram direção quanto a quais periódicos nos debruçarmos e também para encontrarmos seus livros publicados. Também aproveitamos o acervo da Hemeroteca Digital da Hemeroteca Municipal de Lisboa e a Biblioteca Nacional de Portugal Digital.

Dessa forma, foi possível reunir um significativo material para que pudéssemos nos debruçar na obra e na vida de Adelina Vieira, que durante quase 30 anos produziu literatura, foi professora e uma voz participativa na política nacional.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Como base para a apresentação desta escritora, optamos por partir de uma reclamação de Adelina Lopes Vieira por a ignorarem em notícia referente a uma associação criada por ela. A autora sabia que seu nome era conhecido e figurava em uma série de periódicos naquela época como um nome de talento na literatura. No texto, ela se mostra consternada pelo fato de ter sido referida apenas como “uma senhora”:

O Orpheon Carlos Gomes, que foi fundado e existe há apenas um anno, aqui no Rio de Janeiro, no conhecido e aprazível bairro de Santa Thereza, não conseguiu ainda, apesar de haver convidado toda a imprensa para o seu concerto inaugural realizado a 7 de outubro próximo passado e de ter varias vezes merecido honrosas e gentis referencias das pennas de Arthur Azevedo, Cardoso de Menezes e outros, que o julgassem uma sociedade constituída e apenas consentem que haja uma idea da criação de uma sociedade orfeônica. Há pouco tempo, Lulu Junior, nas suas interessantes e estudadas *Artes e Manhas*, disse que lhe constava haver uma tentativa de orpheon a cuja testa estava...uma senhora e...mais nada. (*Gazeta de Notícia*, ano XXIV, n.31, 31 de janeiro de 1898, p.1)

Utilizar o feminino como adjetivo negativo não está distante da realidade enfrentada por muitas mulheres até os dias de hoje. No século XIX, tal fato era velado e aparecia na imprensa como forma de inibir as iniciativas tomadas por elas naquele tempo. Entretanto, nem sempre elas se sentiam intimidadas por tais provocações. Diferente de outras mulheres, que calavam, Adelina Vieira teve o direito de comentar e criticar tal incômodo. Nesse caso, ela deixava de lado a modéstia que era esperada ao sexo feminino naquele tempo. Esclareçamos que justamente a autora ser uma senhora é o que contribui para acharmos seus posicionamentos potentes e, talvez, corajosos. Nos últimos anos do século XIX, como podemos perceber pelo trecho citado, Adelina participava, criava e mesmo dirigia associações. Ela também era reconhecida por colegas escritores, como Artur Azevedo, por exemplo. No entanto, ainda havia forte pressão por um branqueamento de suas atividades e silenciamento de sua voz. Vejamos, então, quem foi essa escritora que quis ser mais do que “uma senhora”.

Adelina Amélia Lopes Vieira nasceu em Lisboa, na freguesia da Encarnação, em 20 de setembro de 1850, filha de Valentim José da

Silveira Lopes e Adelina Pereira Lopes. Ela foi escritora e educadora no Brasil durante mais de 30 anos. A publicação de seus textos pode ser encontrada em diversos periódicos brasileiros e portugueses, além de almanaques. Todavia, o que mais chama atenção não é simplesmente sua publicação, mas sim seu prestígio no Oitocentos e seu apagamento na posteridade.

Na infância, seu pai, que era médico, junto com toda a família, transferiu-se para o Brasil, em 1856, não sabemos ao certo o motivo. O patriarca da família se interessava pela ajuda humanitária e pela educação. Ele foi professor e dono do Colégio de Humanidades na rua do Lavradio², no Rio de Janeiro, depois em Friburgo (RJ), tendo também morado com a família em Macaé (RJ) e em Campinas (SP). Algumas informações sobre a família foram publicadas pelo jornal da colônia portuguesa, o *Portugal Moderno*, destacando ser uma família de intelectuais, destacando, além do médico, as duas filhas escritoras e o poeta marido de Júlia Lopes de Almeida, Filinto de Almeida.

A criação de Adelina nesta família pode ser uma das justificativas também do seu interesse pelas causas sociais. Ter um pai intelectual que se preocupava com as desigualdades sociais, a saúde e a educação deu a ela supostamente maior liberdade de instrução naquela sociedade patriarcal do século XIX. Além disso, seu pai era amigo pessoal de Antônio Feliciano de Castilho que foi um dos maiores apoiadores da escrita das mulheres em Portugal e no Brasil naquele tempo.

Na infância, Adelina foi interna e recebeu uma boa educação no Colégio das Irmãs de Caridade em Botafogo. Nesses colégios, segundo Ana Cristina Pereira Lage (2008) a partir de 1850, os ideais liberais passaram a apoiar uma educação que fosse responsabilidade da iniciativa privada, já que os investimentos do Estado em educação eram baixos e por isso passou a ser comum as elites contratarem professores particulares para as meninas ou colocá-las em colégios internos.

Adelina Lopes Vieira teve em 1862 uma irmã³, Júlia Valentim da Silveira Lopes, que por ter uma saúde frágil não frequentou escolas,

2 Oséas Hegesipo de Bulhões Pitanga faz publicar em *O Portuguez* seu relato de gratidão por ter sido salvo ao ser levado para ser tratado pelo dr. Valentim Silveira Lopes no Colégio Humanidades na rua do Lavradio. (*O Portuguez* a.III n. 13, 12 de fevereiro de 1863, p. 4).

3 Na verdade, quatro irmãs e um irmão, pois o registro de óbito da Viscondessa de S. Valentim, que faleceu a 26 de fevereiro de 1895, indica que ela deixou seis filhos: Adelina Amélia Lopes Vieira, Maria José Lopes Duque, Valentim José da Silveira Lopes, Adelaide Lopes da

tendo como professora a própria mãe e a irmã Adelina. Júlia tornou-se uma personalidade importante nos estudos literários por sua produção romanesca, mas o ambiente que conviveu desde criança era muitíssimo propício à arte, o que engrandeceu a produção literária das duas irmãs.

De acordo com os relatos de Margarida, Júlia não foi uma criança com muita saúde, por isso não frequentou escolas e aprendeu a ler e escrever com sua irmã mais velha, Adelina. Filha de Dr. Silveira Lopes, médico do mais importante teatro da cidade, teve a oportunidade de assistir [a] artistas de renome mundial. O fato de ser filha de pais com elevado nível cultural possibilitou que Julia crescesse num meio favorável para despertar todo o seu talento.

A família costumava realizar saraus em sua residência, onde sua mãe e a irmã Adelaide cantavam e a irmã Adelina recitava versos de Tomas Ribeiro e Bulhão Pato, a irmã Maria José tocava piano e Julia apenas ouvia. (MANCHOPE, 2016, p.149-150)⁴

Buscando uma vida pública de Adelina entre periódicos do século XIX, a mais antiga menção que encontramos é de 1869 quando “recitou ao piano duas magníficas poesias de Soares Passos e T. Ribeiro, a exma. Sra. D. Adelina A. Lopes Vieira, com talento e conhecimento literário invejáveis. A recitação esteve na altura daqueles dous divinos poetas.” (*Gazeta de Campinas*, a. 1 n.17, 25 de dezembro de 1869, p. 2).

Devemos chamar atenção para o fato de Adelina Vieira ter sido casada e não termos encontramos a data do casamento e nem mesmo muitas informações sobre seu marido Antônio Arnaldo Vieira da Costa (BLAKE, 1883, p.7), mas em todas as suas menções na imprensa a partir de 1869 já aparece citada com o sobrenome de casada. O nome do marido aparece pouquíssimo em suas aparições públicas e não é sequer mencionado na biografia que o *Portugal Moderno* apresenta da autora em 1905⁵. A importância das relações maritais naquele tempo era inegável

Silveira de Sena Gonçalves, Júlia Lopes de Almeida e Alice Lopes Campeão (Brasil, Rio de Janeiro, Registro Civil, óbitos, fl. 134, n. 152).

4 A autora teve acesso ao espólio pessoal de Julia Lopes de Almeida cedido pela família remanescente.

5 Antônio Arnaldo Vieira da Costa faleceu no Rio de Janeiro em 3 de julho de 1904 (Brasil, Rio de Janeiro, Registro Civil, óbitos, fl. 12, n. 483), pouco tempo antes da homenagem no *Portugal Moderno* para já ter sido ignorado.

e o nome do marido aparecer tão pouco ia na direção contrária ao esperado a mulheres casadas, deixando abafado o nome do cônjuge.

Em 1871, Adelina é convocada para assumir o cargo de professora pública primária na 2ª cadeira na Freguesia do Espírito Santo (*Diário do Rio de Janeiro* a. 4 n. 321, 22 de novembro 1871, p.4), na Corte, o que demonstra que já se considerava formada e que conseguiu uma posição de destaque. A partir de 1872, passa a lecionar na escola que funcionava primeiro na casa de seu pai e mais tarde foi transferida para Santa Tereza (MANCHOPE, 2016, p.154).

Durante a década de 1870, os textos de Adelina começam a circular na *Gazeta de Campinas*, cujo redator era amigo de seu pai, e em outros periódicos importantes como o *Jornal do Commercio*, o *Correio Paulistano*, o *Almanach de Lembranças Luso-Brasileiro* (fundado por Alexandre Magno de Castilho), entre outros. Seu talento passaria a ser festejado e comentado, pois acreditavam ser “rara a manifestação do talento litterario das senhoras em nosso paiz, que quando uma poetisa do quilate da exma. Sra. Adelina Lopes aparece na arena da publicidade, causa verdadeira e agradável surpresa.” (*Correio Paulistano* a. 22 n. 5686, 21 de setembro de 1875, p.2)

A publicação do seu poema intitulado “O primeiro beijo” em 1876 no *Jornal do Commercio* rendeu-lhe outro poema, em sua homenagem, de autoria de Tomás Ribeiro. O fato foi amplamente divulgado no Brasil, o que ajudou a lhe dar visibilidade, sobretudo pela posição de prestígio do poeta português.

A partir de então o nome de Adelina Vieira passou a circular de forma recorrente na imprensa periódica. A autora foi colaboradora fixa em diversos jornais e publicou também 4 livros em volumes. *Margaritas*(1878), *Pombal*(1880), *Destinos*(1900) e assinou a co-autoria do livro *Contos infantis*(1876) com a irmã Julia Lopes de Almeida.

A produção poética de Adelina Vieira em seu livro de estreia *Margaritas*(1878) e em outros poemas dispersos pela imprensa e feitos para eventos se mostrou a mais versátil na questão temática. Nela conseguimos encontrar poemas abolicionistas, que em maioria exaltava a figura da princesa Isabel como “grande redentora”, poemas de circunstância, poemas políticos e poemas de exaltação à cultura portuguesa.

Debater política não era algo visto como papel feminino no século XIX, contudo, Adelina Lopes Vieira vai na contramão quando produz poemas que defendiam o abolicionismo ou exalta personalidades políticas que chegou a declamar publicamente. Dessa forma, não podemos deixar

de ressaltar que existia o prestígio e o respeito por suas opiniões uma vez que seu nome era encontrado em eventos como uma grande mulher de letras. Adelina acabou por ficar apagada ou preterida pelo sucesso da irmã Júlia, que mais nova, já no século XX encontrou um meio literário mais propício a sua literatura.

Adelina Amélia Lopes Vieira era uma mulher pública. Já seu primeiro livro recebeu prefácio do poeta e ministro português Tomás Ribeiro que se impressionou com as poesias da jovem poetisa sobretudo pelo conteúdo erótico de seu “Primeiro beijo”. Havia ali uma rede de sociabilidade de poetisas que Adelina passou a fazer parte devido aos elogios mútuos. Esse tipo de sociabilidade e de articulações era mais difícil para mulheres que viviam apenas no ambiente privado, mas Adelina circulava por eventos literários, beneficentes e educacionais, fazendo seu nome cada vez mais importante em seu tempo. As amizades do pai e suas próprias ações contribuíram para que ela se inserisse nessa rede de sociabilidade.

No contexto de uma articulação política, Adelina Vieira escreveu *Pombal*, um poema longo que exaltava a figura do Marquês de Pombal. A poetisa narra a trajetória do Marquês de Pombal e o critica por ser um homem sanguinário, mas que isso não devia ser levado em consideração por Pombal também ter feito coisas grandiosas. Havia um diálogo direto de Adelina entre as culturas de Portugal e do Brasil, pois era portuguesa, mas passou a maior parte da vida no Brasil, tendo ido à terra natal diversas vezes para passar algumas temporadas e, por isso, é tão presente em sua obra pessoas que dialogam entre os dois países.

O livro de contos que Adelina escreveu, *Destinos*(1900), partia da ideia de aprendizado pelo exemplo e lançava luz sobre a educação, a vida conjugal, a autonomia das mulheres, o adultério. Os contos mostravam destinos de várias mulheres e seus perfis afirmavam a ideia de a necessidade da instrução para mulheres para um melhor viver, o que podia acontecer com aquelas que não tratavam bem aos seus maridos e também pensava sobre a necessidade de autonomia para elas. Mesmo assim, os textos não se afastavam do ideário pertinente às mulheres da época e também reforçam alguns preconceitos cristalizados naquela sociedade machista. Sua produção ficcional também indica que a autora estava atenta ao que era produzido nas estéticas das quais foi contemporânea, tanto no Brasil quanto em Portugal e em outros centros culturais europeus.

Além da produção em volume, Adelina Vieira publicou, em diversos periódicos, poemas, contos, textos sobre educação e outros nos quais

debatia algum tipo de assunto, na época, relacionado às mulheres. A colaboração que mais nos chamou atenção, pela constância, foi a d'*A Semana*. O jornal tinha como redatores Valentim Magalhães e Filinto de Almeida (que se tornou cunhado de Adelina), com conteúdo político e literário, publicava diversos literatos importantes da época.

Em *A Semana*, Adelina Lopes Vieira assinava uma coluna chamada "Palestras femininas", que obteve muito sucesso com mulheres da época tendo sido convidada até mesmo para repetir a coluna anos mais tarde no periódico *A Mensageira* (a.1 n.2, 30 de outubro de 1897, p. 31). Foram publicadas 16 Palestras⁶ entre 1886 e 1887 com temas variados de debate e alguns contos. Dessa forma, desejamos nos deter na análise dessa coluna, para irmos entendermos o que a autora destacava enquanto representação, temática e comportamentos femininos. No século XIX, havia um grande número de manuais de civilidade que ensinavam a viver segundo as normas sociais e, em geral, os textos de Adelina em *A Semana* tinham supostamente esta ideia ao tratar das representações das mulheres mostrando ali resultados do que deveria ou não ser feito. Como assevera Maria de Lourdes Lima dos Santos:

Precisamente no século XIX, a literatura de civilidade expressa pelos manuais tem provavelmente o seu grande último momento. Hoje em dia, cortesia e civilidade são vocábulos antiquados e os manuais caíram no ridículo. Na origem, a noção de cortesia tinha um significado bem estrito, designando a forma de as pessoas se conduzirem na corte; os manuais de etiqueta multiplicar-se-iam por altura do alargamento e intensificação da vida de corte que acompanham a crescente centralização política. (SANTOS, 1983, p.14)

Maria dos Santos ainda deixa claro que os manuais de civilidade reforçavam os estereótipos da vida familiar e formulavam um modo de pensar e agir que devia ser adotado em casa. Dessa forma, podemos pensar nos textos de Adelina como essa espécie de manual à vida prática daquelas mulheres.

A habitação familiar é o reduto, "lar que embala os que tiverem sido magoados e contristados", lugar donde se sai apenas "quando o dever ordenar".

6 As referências de todos os textos da coluna estão na bibliografia ativa.

Num dos M.C., afirma-se expressamente a vocação do compêndio de civilidade para fornecer “as bases, os alicerces imprescindíveis para construir a família honesta”.

Que bases e alicerces? A civilidade, precisamente, à polidez do coração e das ações, uma educação moral que é, fundamentalmente, a aprendizagem das boas maneiras que *distinguem*. (SANTOS, 1983, p. 25-26)

Colunas como as “Palestras Femininas” contavam com um perfil muitíssimo conservador para a vida das mulheres, mostrando os cuidados com o lar, o marido e os filhos como suas únicas ocupações. Adelina, mesmo fugindo de temáticas tradicionais femininas, como modas e bailes, reforçava o estigma das mulheres que tinham suas vidas dedicadas ao ambiente doméstico. Tal modelo de escrita acompanha a obra da poetisa não apenas na coluna, mas também em seus contos que funcionam partindo da mesma premissa. O conservadorismo da época era resultado da educação que aquelas mulheres recebiam, seja familiar, seja formal.

A autora tinha sim um perfil temático que ia em direção ao que se esperava das mulheres da época, mas seu envolvimento com questões sociais era inegável e nisso está o seu progressismo.

Adelina ajudou a fundar o Instituto de Assistência a Infância do Rio de Janeiro e organizou para ele várias festas beneficentes (*A Faceira*, ano II, n.11, junho de 1912, p.16); além de ter sido uma das fundadoras da associação de Damas da Assistência a Infância em 1906. A instituição cuidava de crianças em condições econômicas desfavoráveis e fora criado por Moncorvo Filho. Além de ter estado, desde a criação, em 1908, no Conselho Diretor da Associação do Patronato de Menores que buscou criar uma creche, chamada Creche Central, para atender as necessidades de crianças de até 3 anos e de suas mães. O debate da necessidade do trabalho para mulheres encontrava uma barreira quanto a quem cuidaria dos filhos durante a jornada de trabalho. A luta por creches para auxiliar na autonomia das que desejassem ou necessitassem de trabalhar está na origem de alguns movimentos feministas.

A autora, mesmo não tendo sido mãe, teve durante toda a vida um grande interesse pela educação das crianças e em proporcionar melhorias na qualidade de vida de famílias carentes. Na questão abolicionista, na ajuda de necessitados e no socorro a mães que precisavam trabalhar percebemos que, além de escritora, Adelina Vieira dedicou toda a vida ao trabalho social.

Dessa forma, é curioso pensarmos em uma mulher do século XIX que, para além de ser uma autora, esteve engajada em várias frentes de trabalho intelectual e social com tanto prestígio dentro daquela sociedade. Seu nome foi destaque na imprensa em tudo que se propôs a fazer. E desde bem jovem foi muito aplaudida por seu talento. Sua vida foi de vivência lírica, como indica seu necrológio anônimo publicado da *Revista da Semana*, e assim queria transformar o mundo:

Poetisa de raça, de essência sentimental e affectiva, Adelina Lopes Vieira punha o coração nos versos que compunha e tirava dos versos para a vida um lyrismo encantador. Era uma sonhadora, para quem as duras e grosseiras realidades do mundo não existiam. Tinha o seu mundo, um mundo ideal. (“Adelina Lopes Vieira”. *Revista da Semana* a. XXIV n. 7, 10 de fevereiro de 1923, p. 25).

Adelina Lopes Vieira morreu em 2 de fevereiro de 1923 em sua casa na Rua Bambina, número 33, em Botafogo. A última década de sua vida já foi um pouco mais reservada e aqui trabalhamos com a necessidade de reconstruir e destacar fatos dos seus 73 anos de vida, já que, mesmo com todo o prestígio e uma obra relativamente grande espalhada pela imprensa, seus textos caíram em esquecimento quase imediatamente. Seu registro de óbito a declara como “dona de casa”, ignorando sua longa carreira nas Letras luso-brasileiras⁷. A longa lista de complicações de saúde indicadas como causa da morte ajuda a explicar o afastamento dos últimos anos, mas não seu apagamento.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Adelina Amélia Lopes Vieira foi uma escritora multifacetada e não só por ter escrito sobre assuntos não comuns as mulheres, mas também por, no final do século XIX, ter sido uma professora, que defendeu a educação, empenhou-se em outras causas humanitárias e se preocupou com o sexo feminino. Adelina conseguiu, em um tempo difícil, um espaço na imprensa periódica não só em jornais dirigidos às mulheres, mas também

⁷ Do registro de óbito; “exibindo attestado do doutor Rego Luis, declarou que hoje, as onze horas, na rua Bambina, trinta e tres, falleceu de arterio esclerose-cardio-renal, auto-intoxicação gastro-intestinal, dona Adelina Amélia Lopes Vieira, feminino, branca, de setenta e tres annos, viuva de Antonio Arnaldo Vieira Costa, dona de casa, brasileira naturalizada” (Brasil, Rio de Janeiro, Registro Civil, óbitos, fl. 103, n. 170)

na imprensa dita masculina ou para um público amplo. Seus textos se fazem documentos de grande valor para o estudo da literatura de autoria feminina do século XIX, pois os perfis femininos que criou, mesmo reproduzindo preconceitos algumas vezes, davam conta dos problemas e das particularidades da vida das mulheres de sua época.

Cabe a nós da posteridade dar voz a literaturas que estiveram por muito tempo caladas e escondidas. O trabalho de Adelina Lopes Vieira como uma mulher de letras é também uma tentativa de encorajar trabalhos que queiram lidar com autoras que tiveram suas obras perdidas por um caminho de negligência, mas tão importantes para os estudos literários contemporâneos. Afinal, apesar de tudo, elas escreveram e foram sujeitos de seu tempo.

Ser chamada de “uma senhora” em nada desabona uma mulher, mas soa estranho quando nos deparamos com uma autora com uma produção amplamente divulgada no século XIX como a de Adelina Lopes Vieira ser, por vezes, limitada apenas ao gênero. O artigo que irritou Adelina Vieira quando a referiram “apenas como uma senhora” estava certo, mas errava justamente pela necessidade de tentar diminuí-la com um fato real, pois era sim uma senhora, mas também era uma autora, uma professora, uma notável mulher de letras, uma intelectual atuante no meio cultural e filantrópico, a despeito do que aquela sociedade podia querer dela.

REFERÊNCIAS

ANASTÁCIO, Vanda. *O que é uma autora? reflexões sobre a presença feminina no campo cultural luso-brasileiro antes de 1822*. **Matraga**, Rio de Janeiro, v.18 n.29, jul./dez. 2011.

CRUZ, Eduardo da. *As mulheres e a felicidade: sobre alguns posicionamentos de Antônio Feliciano de Castilho na imprensa*. In: PAVANELO, Luciane Marie; SIMON, Maria Cristina Pais; OLIVA, Osmar Pereira; OLIVEIRA, Paulo Motta (Orgs.). *Marginalidades femininas: a mulher na literatura e na cultura brasileira e portuguesa*. Montes Claros: **Unimontes**, 2017. p. 173-187.

LOPES, Ana Maria Costa. *Imagens da mulher na imprensa feminina de oitocentos: percursos de modernidade*. Lisboa: **Quimera**, 2005.

MANCHOPE, Elenita. Entre *narrativas e imagens: trilhando passos*. In: **Revista de Literatura história e memória**, Cascavel, v. 12, n.19, p. 143-166, 2016

SACRAMENTO BLAKE, Augusto. *Diccionario Bibliographico Brasileiro: Volume 1:A-B*. Rio de Janeiro: **Conselho Federal de Cultura**, 1883.

SANTOS, Maria de Lourdes. *Para uma sociologia da cultura burguesa em Portugal no século XIX*. Lisboa: **Editorial presença**, 1983.

VAQUINHAS, Irene. *“Senhoras e mulheres” na sociedade portuguesa do século XIX*. Lisboa: **Colibri** 2012.

VIEIRA, Adelina. *Margaritas*. Lisboa: **Typographia da Academia Real das Sciencias**, 1878.

PALHA, F.; VIEIRA, Adelina; QUITA, Domingos dos Reis; GAMA, José Basilio da; DINIZ, Antonio. *Centenario do Marquez de Pombal*: 8 de maio de 1882. S.l.: **Typ. e Lith de M. Maximino & C.**, 1882.

VIEIRA, Adelina. *Destinos*. Rio de Janeiro: **Laemmert & C.**, 1900.

VIEIRA, Adelina Lopes; ALMEIDA, Julia Lopes de. *Contos Infantis: em verso e prosa*. Rio de Janeiro: **Francisco Alves**, 1886.

TELLES, Norma. *Encantações – Escritoras e imaginação literária no Brasil, Século XIX*. São Paulo: **Intermeios**, 2012